

Bloco N.º 58

ANO(s) 12.º / 3.º Formação

DISCIPLINA Português

ÁREA(S) DE CONHECIMENTO
APRENDIZAGENS ESSENCIAIS/PERFIL
DOS ALUNOS

- **Leitura**

Interpretar o texto, com especificação do sentido global e da intencionalidade comunicativa.

Clarificar tema(s), subtemas, ideias principais, pontos de vista.

Utilizar criteriosamente procedimentos adequados ao registo e tratamento da informação.

Expressar, com fundamentação, pontos de vista suscitados por leituras diversas.

- **Educação Literária**

Interpretar obras literárias portuguesas de diferentes autores e géneros, produzidas no século XX.

Contextualizar textos literários portugueses do século XX em função de grandes marcos históricos e culturais.

Mobilizar para a interpretação textual os conhecimentos adquiridos sobre os elementos constitutivos do texto poético e do texto narrativo.

Reconhecer valores culturais, éticos e estéticos manifestados nos textos.

Comparar textos de diferentes épocas em função dos temas, ideias, valores e marcos históricos e culturais.

- **Escrita**

Escrever textos de opinião, apreciações críticas, exposições sobre um tema.

Planificar os textos a escrever, após pesquisa e seleção de informação relevante.

Redigir com desenvoltura, consistência, adequação e correção os textos planificados.

Bloco 58

Memorial do convento, de José Saramago: capítulo XXV



Marc Chagall, *Amantes azuis*, 1914.

Tarefas / Atividades / Desafios

1. Lê atentamente o excerto apresentado.

“Nove anos procurou Blimunda. Começou por contar as estações, depois perdeu-lhes o sentido. Nos primeiros tempos calculava as léguas que andava por dia, quatro, cinco, às vezes seis, mas depois confundiram-se-lhe os números, não tardou que o espaço e o tempo deixassem de ter significado, tudo se media em manhã, tarde, noite, chuva, soalheira, granizo, névoa e

nevoeiro, caminho bom, caminho mau, encosta de subir, encosta de descer, planície, montanha, praia do mar, ribeira de rios, e rostos, milhares e milhares de rostos, rostos sem número que os dissesse, quantas vezes mais os que em Mafra se tinham juntado, e de entre os rostos, os das mulheres para as perguntas, os dos homens para ver se neles estava a resposta, e destes nem os muito novos nem os muito velhos, alguém de quarenta e cinco anos quando o deixámos além no Monte Junto, quando subiu aos ares, para sabermos a idade que vai tendo basta acrescentar-lhe um ano de cada vez, por cada mês tantas rugas, por cada dia tantos cabelos brancos.[...]

Encontrou-o. Seis vezes passara por Lisboa, esta era a sétima. Vinha do sul, dos lados de Pegões. Atravessou o rio, quase noite, na última barca que aproveitava a maré. Não comia há quase vinte e quatro horas. Trazia algum alimento no alforge, mas, de cada vez que ia levá-lo à boca, parecia que sobre a sua mão outra mão se pousava, e uma voz lhe dizia, Não comas, que o tempo é chegado. [...] Sob as águas escuras do rio, via passar os peixes a grande profundidade, cardumes de cristal e prata, longos dorsos escamosos ou lisos. A luz interior das casas coava-se através das paredes, difusa como um farol no nevoeiro. Meteu-se pela Rua Nova dos Ferros, virou para a direita na igreja de Nossa Senhora da Oliveira, em direção ao Rossio, repetia um itinerário de há vinte e oito anos. [...]

São onze os supliciados. A queima já vai adiantada, os rostos mal se distinguem. Naquele extremo arde um homem a quem falta a mão esquerda. Talvez por ter a barba enegrecida, prodígio cosmético da fuligem, parece mais novo. E uma nuvem fechada está no centro do seu corpo. Então Blimunda disse, Vem. Desprendeu-se a vontade de Baltasar Sete-Sóis, mas não subiu para as estrelas, se à terra pertencia e a Blimunda.” (Fim)

Capítulo XXV

José Saramago, *Memorial do Convento*, Lisboa, Caminho 1994.

2. Interpreta o valor simbólico do facto de Blimunda ter encontrado Baltasar depois de o procurar durante nove anos e de tal ter sucedido da sétima vez que regressou a Lisboa.
3. Relê o excerto “tudo se media em manhã, tarde, noite, chuva, soalheira, granizo, névoa e nevoeiro, caminho bom, caminho mau, encosta de subir, encosta de descer, planície, montanha, praia do mar, ribeira de rios, e rostos, milhares e milhares de rostos,”
 - 3.1. Identifica o recurso expressivo presente e explicita o seu valor expressivo.
4. Enuncia o motivo por que Blimunda não comia há quase vinte e quatro horas.
5. Explicita o valor simbólico de, em Lisboa, Blimunda ter repetido o percurso que fizera havia vinte e oito anos.
6. Explica qual a intenção crítica subjacente ao facto de Baltasar, depois de ter voado com a Passarola, acabar por ser queimado num auto de fé.
7. Interpreta o significado da última frase do romance: “Desprendeu-se a vontade de Baltasar Sete-Sóis, mas não subiu para as estrelas, se à terra pertencia e a Blimunda.”